



hoje. Constroem como sentem e como querem. A cultura mais marginal pertence a uma nova geração de jornalistas e sociólogos que trazem muito essa mentalidade do informal e sempre nos apaixonou a vida nesses bairros. Vamos lá ouvir os poetas cantar e comer *mayonnese* «transpirada» feita pelo Ernesto Lara. Encontrava-se ali tudo o que era bom. As mulheres mais bonitas, a arquitectura mais bonita — porque era uma arquitectura de paixão. Não era uma arquitectura de arquitectos.

Todo o meu trabalho é a defesa do não destruir, e, sim, inventar um aparelho que seja mais consentâneo com essa realidade cultural.

Ainda como resposta à sua pergunta, penso que o conceito do regresso e do exílio desapareceu com esta viagem a Angola.

«T.» — O que é que pensa destas nossas cidades?

T.R. — Há cidades no mundo que estão sempre impeccáveis. Considero isso um estádio cultural elevado. A grande energia que tudo constrói será o dinheiro? Para mim, não. Os orientais antes de começarem uma reunião gastam 55 minutos a tomar chá e a oferecer flores, e nos últimos cinco minutos dizem: ou somos amigos ou não somos. Se somos

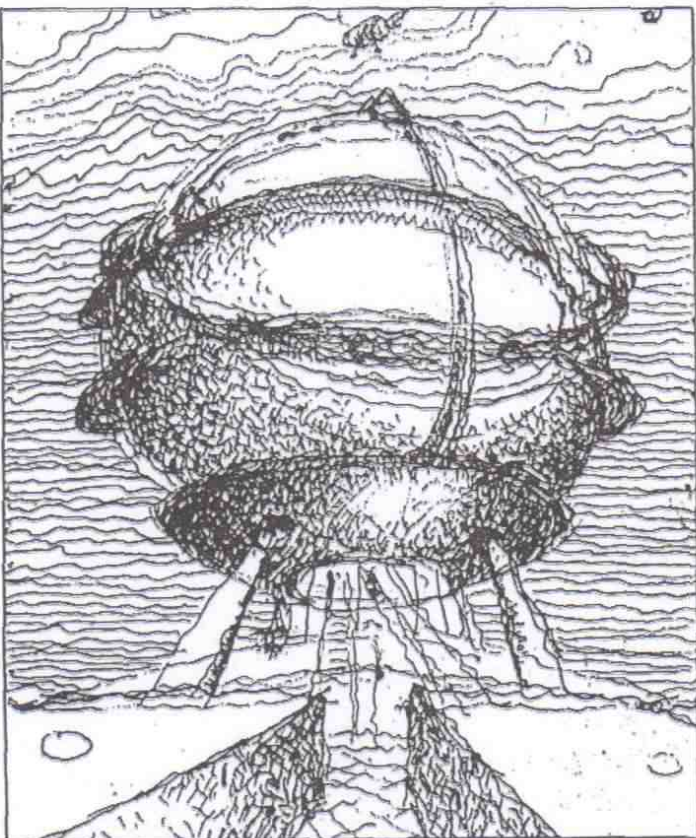
**Ninguém está fora do processo. Cometeram-se grandes violências. E nas guerras há sempre gente muito boa e gente muito má. E, afinal, em tudo está sempre tudo envolvido. Os nossos maiores poetas estiveram envolvidos na guerra colonial dum lado e do outro.**

amigos até o impossível se faz. Se não somos, não conseguimos sequer o possível. Isto é a grande filosofia de base e a sua diferença na maneira de estar no mundo. Eu julgo que o segredo da vida é o amor entre o homem e a natureza. Já que ela é uma grande dádiva. Os homens que se suicidaram foram os homens que esgotaram o amor. Tudo isto tem a ver com cidades.

«T.» — Então, coloco a pergunta doutra maneira: como se sentem os arquitectos dentro destas nossas cidades? São livres?

T.R. — A Avenida da Liberdade é o símbolo da crise cultural que atravessamos. Há muita censura no nosso país. Os arquitectos não são livres. A liberdade de expressão que se conseguiu com o «25 de Abril» foi outra. Serve aos poetas e aos escritores. Mas não chegou aos arquitectos. Temos ainda que lutar por ela e a responsabilidade não é tanto do poder local mas do poder central que tem a tutela. Por outro lado, há órgãos que deveriam tomar posições correctas e não o fazem. O IPPC é um dos órgãos que maior censura faz aos arquitectos e à cultura portuguesa. É muito cómodo olhar para o passado. Mas já se devia ter vergonha. Não se tem a coragem de se notabilizar gente viva, enquanto é tempo. A SEC tem lá a Teresa Gouveia, uma cara muito bonita, mas não chega. Precisamos de criativos e não de tecnocratas, com espírito fechado e a olhar para trás. A Secretaria de Estado da Cultura é uma espécie de «sopa do Sidónio». São os artistas que se matam a pedir subsídios, em vez de ser ao contrário. Noutros tempos, foi António Ferro que deu trabalho a Almada Negreiros e não foi o Kell que andou à procura de trabalho. O Duarte Pacheco é que lho deu.

«T.» — Estou a lembrar-me



do caso do Tivoli. Foi o Abecassis que lhe chumbou o projecto?

T.R. — Aí não. Se alguém defendeu o projecto do Tivoli foi ele, demonstrando inteligência e cultura, ao contrário do que se pensa. Foi ele que disse: a arquitectura que se faz em Lisboa é feita por arquitectos — a boa e a má.

O Tivoli é, afinal, a proposta cultural de salvar o cinema de Raul Lino, tal qual ele está, transformando-o sem renegar o passado. Faz-se isso em toda a parte. É que as coisas boas também estão para vir. Não devemos ter medo do futuro. O futuro é a continuidade. Já a arquitectura do futuro anda a ser construída por esse mundo fora e nós estamos ainda a discutir a proposta atrevida do Taveira, com as Amoreiras.

«T.» — Não me diga que gostou? É essa a sua ideia de Lisboa?

T.R. — Não. Mas Lisboa precisava duma bofetada daquelas, embora haja ali aspectos negativos a considerar.

A ponte sobre o Tejo foi odiada, hoje é o *ex-libris* de Lisboa. A Torre Eiffel sofreu depois da sua construção uma contestação tão violenta que foi ao ponto de se assinar uma proposta para a demolir. Hoje não há Paris sem Torre Eiffel.

Sou um dos críticos do Taveira, mas há que chamar a atenção para a sua ousadia. Lisboa tem que continuar viva. E eles estão a entupir tudo. Portugal está entupido. Uma das características deste Governo é a sua piroseira. E o que mais me custa é ver-me envolvido nela. É por isso que o meu

melhor cliente neste momento não pertence à cultura. Começo a gostar de trabalhar para pessoas simples, sem grandes ambições, que têm gostos próprios portugueses, nada sofisticados. O pior cliente, o menos qualificado, o menos inteligente e o que mais dinheiro esbanja é o Estado. Mandam fazer tudo o que há de pior. Se não fossem as instituições particulares, as galerias e as pessoas de bom-gosto, com este Governo não havia arte em Portugal. E já não é preciso ser-se o arquitecto ou o artista para defender as suas posições. É o próprio homem da rua.

«T.» — Que faz actualmente? Em que projectos se detém? Considera-se um arquitecto moderno?

T.R. — Ando a descobrir os

**O meu avô fundou Nova Lisboa com o Norton de Matos. Para nós não há raças, há famílias. E na nossa família há de tudo. Vai desde a UNITA até ao MPLA mais inteligente.**

prédios de esquina na Almirante Reis. São barcos atracados na cidade. Hoje perdeu-se a tradição do encontro nas esquinas. Acabaram com as esquinas. E o meu projecto de barcos consiste em retomar as esquinas.

Não sou pós-moderno mas sou antimoderno. Os modernos, homens que creem no materialismo dialéctico, quiseram transformar o mundo como se fosse possível organizar as cidades e as pessoas como um tabuleiro de xadrez. São as cidades mecânicas que, de certa maneira nos adoecem e matam.

«T.» — Tem algum projecto especial? Ouvi falar de uma esfera armilar, com Portugal lá dentro.

T.R. — Ah, isso passou-se no Concurso do Pastel de Belém. Concorri com o Leonel Moura. O nosso projecto era, de facto, uma esfera armilar, com o Equador, na elíptica funcionavam elevadores rolantes, num dos trópicos tinha um jardim botânico, etc., e o projecto foi chumbado. Mas na exposição de Sevilha foi precisamente um projecto com a esfera armilar que ganhou. Cá, tiveram todos medo, porque quem tutelou aquele concurso foram os engenheiros do IPPC. São precisas grandes provocações para sairmos disto. Quer ver um exemplo? Cada Presidente da República da França tem o direito de fazer a sua obra louca. E Mitterrand já fez sete. Como a Pirâmide do Louvre, o Geodésico ou o Pavilhão do Mundo Árabe.

O Presidente Soares tem esse espírito, mas o aparelho inibe-o. É por isso que eu penso que as poetas de Chénobyl caíram aqui em Portugal, no Parlamento. Estão todos maluquinhos. Eramos um povo de criativos e ficámos neste estado. □



Arquitecto Troufa Real

# PORTUGAL ESTÁ ENTUPIDO

□ Maria Virgínia de Aguiar

□ Fotos: António Cabral

SOU totalmente a favor dos cafés do Chiado com as esplanadas na rua. Cá por mim deviam fechar-se as ruas todas. Os automóveis ficavam de fora. E depois toda a gente junta, a passear, à boa maneira da cidade medieval.

Isto, tal como está, só podia ser dito pelo arquitecto Troufa Real, uma das vozes mais originais que Angola e Portugal trouxeram à luz. Uma conversa não esgota o que ele é e representa para a nossa cultura. A sua anarquia programada, a sua coerência se necessário feita de contrários, o seu ritual de passagem em que até o acaso deve ser assimilado, tudo na boa da transgressão, «que sociólogos e jornalistas tanto prezam», são tão vivos, tão cobertos de paixão que nos sentimos também comprometidos por este tempo de vozes silenciadas. Nele, que preconiza se for preciso para salvar as cidades «uma arquitectura sem arquitectos», fomos encontrar resposta a muitas das nossas frustrações. E a coragem que nos falta, às vezes, para continuar. Porque, como diz, exemplarmente, «os homens que se suicidaram foram homens que esgotaram o amor».

«Tempo» - Somos garantes dessa geração que viveu sofregamente como você uma certa Angola e depois nunca mais lá voltou. Talvez por a ter amado com o sentimento do irremediável. O que é que o fez voltar?

Troufa Real - Não ia a Luanda desde 1976. Estava em Veneza quando recebi um convite da Presidência da República de Angola. Fiquei a pensar se devia ou não aceitá-lo, porque andava muito triste com o

que se tinha passado em Angola. Mas depois reflecti: que medos existem? Que cobardia é esta? Afinal a pintura de destruição que nos impingem também não é verdade. Decidi aceitar. Atrasei a viagem uns dias e encontro-me no aeroporto com uma equipa de futebol. Homens da velha guarda, brancos e pretos, tudo misturado. Eram homens dos tempos heróicos do desporto e vinham estilo caixa de bombons seleccionados. Estavam lá o Travassos, o Eusébio, o Coluna e pensei: afinal, isto que está aqui é a minha vida.

«T.» - Que sentiu quando voltou a pisar terras de Angola?

T.R. - Chego a Luanda e logo no aeroporto me veio aquele bafo quente, fantástico. Foi como voltar ao ventre da mãe. Senti-me todo envolvido. Comecei a achar aquilo muito bonito. Não há *check in*, é tudo rápido, as pessoas passam por tudo e por todos sem desconfiar, parecia o início da aviação. À volta do aeroporto em Benguela está tudo cheio de casas pequenas, autoconstruídas, com a cidade a ver-se, muito verde, lá ao fundo. Toda a gente a andar de bicicleta, enfim, é um pouco o mundo que Édite Socorro descrevia no «Intransigente» de Benguela. Eu dissera antes: passa-se aqui qualquer coisa de errado. Não faço parte da equipa. Mas insistem: tem que ser! E eu fui.

Seguimos para o Lobito. Somos obrigados a passar pelas bananeiras, pelas palmeiras, os comboios cheios de gente, as crianças a correr. Comecei a ver essa época colonial de vida, sem grandes diferenças nem luzes, muito bonita, ainda sem agressão. Acompanhei os jogadores durante três dias sem eu saber porque nem eles. Quando voltámos a Luanda confirmei que de facto tinha sido um equívoco, mas ganhámos uma

amizade que ainda hoje se mantém.

«T.» - Depois, em Luanda, como foi? Notou grandes diferenças? Receberam-no bem?

T.R. - Fui para o Hotel Presidência e o Coluna mostrava-se preocupado. Para ele era a grande desorganização. Comigo a sensação foi ao contrário: sentia as cidades sem o drama, aliviadas do stress do quotidiano. Perderam o que já nos incomodava naquela altura - o desenvolvimento excessivo, como essa aventura da periferia de Lisboa onde os grandes especuladores vão traíndo as cidades.

«T.» - Que impressão dá uma Angola coberta de tapas?

T.R. - Quase não vi militares nas ruas, dado que se estava a negociar a saída dos cubanos. Contrariamente ao que se pensa, eles não gostam dos cubanos e eu tenho pena porque

*A Avenida da Liberdade é o símbolo da crise cultural que atravessamos. É que há muita censura no nosso país. Os arquitectos não são livres. A liberdade de expressão, conseguida com o 25 de Abril, serve aos poetas e aos escritores. Mas não chegou aos arquitectos. Ainda temos que lutar por ela.*

deram algum contributo. Organizaram o folclore, introduziram instrumentos musicais, renovaram o teatro popular e colocaram nas coisas uma certa humanidade. Agora vão pagar pelo lado que menos merecem, pelo lado humano. Os russos são diferentes. Muito operacionais, funcionam com o esquema, o aparelho, que nada tem a ver com as relações humanas, nem chegam lá.

«T.» - Havia alguma razão subjacente nesta sua viagem a Angola?

T.R. - O convite que me fizeram foi uma tentativa subtil de fazerem as pazes como as

pessoas da «Revolta Activa», aquele movimento de brancos e pretos que queria uma independência verdadeira. Era essa, pelo menos, a intenção de Mário Pinto de Andrade, figura espantosa que nem Angola nem Portugal souberam chamar a si. A França soube.

O presidente Eduardo dos Santos convidou-me para jantar e todos me receberam bem. Mas a minha opinião é que enquanto não existir um clima de entendimento institucionalizado, à parte o informal que já existe, em que se dê o direito a todos os angolanos de exprimirem livremente o seu pensamento, sejam eles do Norte ou do Sul, de onde forem, eu não posso viver ali. É preciso saber respeitar todos, dar valor ao direito à verdade, mesmo por outros caminhos. Esse reconhecimento é para mim um acto fundamental.

«T.» - Acha-se, portanto, um homem diferente? Acredita menos nas ideologias?

T.R. - Muitos dos equívocos vão-se diluindo pela vida e pelo quotidiano. Afinal, de onde é que eu sou? Eu não vivo na cidade. Durmo e sonho em Benfica e durante o sonho normalmente estou em Luanda. Levo as minhas paixões todas para os meus sonhos. Bom, depois, vivo no Camões. Não vivo na cidade.

«T.» - Custou-lhe dizer adeus a Angola?

T.R. - É como dizem os africanos à despedida: estamos juntos. Não dizem adeus, dizem estamos juntos. Eu não

escondo aquilo que sou, que é para não haver equívocos. A minha avó é negra, de panos, o que lhe dá muita dignidade. O meu avô fundou Nova Lisboa com o Norton de Matos. Para nós não há raças, há famílias. E na nossa família há de tudo. Nós riamos-nos muito porque a nossa avó dizia para o neto mais novo quando este se portava mal: tu és mesmo preto! Assim, sem complexos. E vai desde a UNITA até ao MPLA mais inteligente. Ninguém sai ileso deste processo. Cometeram-se grandes violências. E nas guerras há sempre gente muito boa e gente muito má. Os nossos maiores poetas estiveram envolvidos na guerra colonial dum lado e do outro.

«T.» - A que se deve o seu sucesso em Lisboa?

T.R. - Penso que o mérito é sempre dos outros. É da opinião pública. Quando se aprecia um objecto, tão importante é o objecto como a pessoa que o observa. E depois quem selecciona são pessoas também seleccionadas. E isto acaba por ser uma espécie de um grupo de pessoas agarradas umas às outras. Decerto serci odiado noutras castas também muito respeitáveis.

«T.» - Ouvi dizer que a sua tese de doutoramento foi sobre os muçequês. É verdade?

T.R. - O meu doutoramento, em Londres, foi realmente sobre os muçequês angolanos. Trata-se de um trabalho onde me oponho à estratégia civilizada ocidental de recuperar as cidades. Não passa pelo crivo da administração pública, pelas corporações institucionalizadas; é tudo pelo clandestino e pelo marginal. Quanto a mim, o nosso processo colonial nunca seleccionou muito o que seria uma comunidade indígena e uma comunidade colonial. Os muçequês são uma comunidade cultural, são a *Alfama* de

